

Digitized by the Internet Archive  
in 2018 with funding from  
Princeton Theological Seminary Library



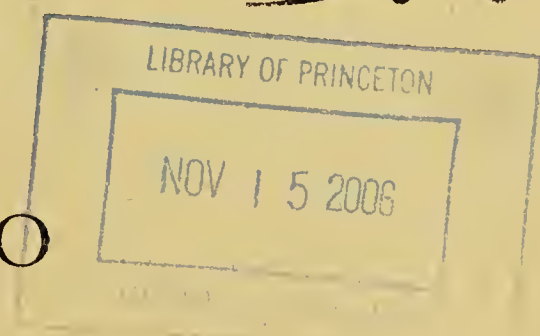
# Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :  
CAIRBAR SCHUTEL  
(De 1925 a 1938)

## SUMÁRIO



O Espírito Conservador e as Novas Idéias . . . . .	<i>Redação</i>
A Evolução Espiritual e Física . . . . .	<i>Henrique Rodrigues</i>
Nebulosas, Berços de Estrêlas . . . . .	<i>V. O. Casella</i>
Torturava Seus Escravos... . . . .	<i>General Levino C. Wischral</i>
Memórias de um Espírita Baiano . . . . .	<i>Leopoldo Machado</i>
A Paz do Senhor . . . . .	<i>Bianôr Medeiros</i>
Da Bíblia aos nossos dias . . . . .	<i>Aleixo Victor Magaldi</i>
Deus Salve Allan Kardec! . . . . .	<i>Leopoldo Machado</i>
Crônica Estrangeira . . . . .	<i>Redação</i>
Espiritismo no Brasil . . . . .	<i>Redação</i>
Necrologia . . . . .	<i>Redação</i>



## Interpretação Sintética do Apocalipse

*Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, a 7.ª edição da obra do nosso querido companheiro Cairbar Schutel — «INTERPRETAÇÃO SINTÉTICA DO APOCALÍPSE». Trata-se de um trabalho realmente substancial, claro, sucinto, oportuno, de fácil compreensão e de atualidade.*

*E' um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espírito de Jesus as revelações apocalípticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espírito também superior. E' um livro do momento, porque as profecias apocalípticas estão em pleno desenvolvimento, possivelmente no meio do caminho.*

*— A' venda na Livraria «O Clarim».*

*Preço : cr.\$ 20,00, inclusive porte e registro, ou sob Reembolso Postal.*

---

## O DIABO E A IGREJA

### Em face do Cristianismo

Acaba de sair do prélo a 5.ª edição de «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de mosenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que despertá em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual, verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço : Cr. \$ 20,00, inclusive porte e registro.



A Verdadeira Glória  
**Espiritismo para os Espíritas,** por :

ALEX DE ROCHESTER.

Conheça a vida e o sentimento do espírito em «AURORA», cidade espiritual sôbre a zona de Ribeirão Preto.

A' venda nas boas Livrarias.

## **O Espírito do Cristianismo**

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito, pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitui o verdadeiro alimento do espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

— A' venda na Livraria «O CLARIM».

Preço : Cr.\$ 75,00, inclusive porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

# Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* ✕ REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação : Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas : Rua Rui Barbosa, n. 673

## O Espírito Conservador e as Novas Idéias

O Espírito de sistema ou conservador das tradições, sempre se opôs de maneira tenaz contra as novas idéias, resultando daí choques tremendos em que os pregadores das novas idéias são perseguidos e até levados aos suplicios, como já aconteceu muitas vezes, e a História está abarrotada de casos desta natureza.

Hoje, as grandes descobertas no terreno material, são acatadas e até premiadas, mas não faz muito tempo que os descobridores de algo que beneficiasse a humanidade não sofressem a perseguição dos retardatários, movidos pelo interesse, pelo orgulho e o egoísmo, enfim pela ignorância. Tudo o que ferisse os seus interesses era perseguido. Galileu, Giordano Bruno e muitos outros cujas descobertas e conhecimentos fazem hoje parte do ensino oficial, ou tiveram que se retratar ou eram então levados à fogueira. Isto quer dizer que a humanidade já progrediu bastante, mas não está ainda no ponto de uma compreensão mais apurada, visto como as idéias novas, embora favoreçam a humanidade, ainda são perseguidas, prevalecendo ainda o espírito conservador. Na religião, na política, na ciência, nota-se a mesma cousa, estando sempre em jogo o interesse bastardo de parceria com o orgulho e o egoísmo.

Na religião, vemos os seus mandatários impôr o «crê ou morre», moveudo

contra as outras seitas religiosas tremenda perseguição, que atingem o ponto mais alto da barbarie. Na política, não é levada em consideração uma idéia que vise beneficiar a humanidade por causa de interesses pessoais e mesquinhos. O que se vê numa nação é o mesmo que acontece com as outras nações. Governos sobem hoje no poder e amanhã são depostos. Não há consideração pela vida do próximo, uma vez que se trate de salvar o interesse próprio. A organização das nações acabará falindo pelas mesmas razões. Na ciência impera mais ou menos o mesmo: interesse, orgulho e egoísmo, que são a causa de todos os males que infelicitam a humanidade.

O combate às idéias novas sempre existiu e existirá enquanto imperar no mundo o espírito de sistema, conservador, retardatário, enfim, ignorante.

Jesus trouxe uma idéia nova baseada no amor. Entretanto foi perseguido pelos fariseus, espíritos retardatários. Não foram levados em consideração os seus ensinamentos e feitos, porque estavam em jogo os interesses dos fariseus e dos saduceus, seus títulos, sua posição social.

Com o Espiritismo está acontecendo o mesmo. Os novos fariseus de batina e cartola, sobretudo aqueles, não se cansam de perseguir o Espiritismo pelo púlpito, pela imprensa, etc. Eles sabem que o Espiritismo está certo, mas o in-



terêsse tem mais fôrça do que êles. Têm medo de perder as grossas propinas e o prestígio entre os grandes e os poderosos. São escravos das cousas do mundo em detrimento da Verdade, que dizem pregar e defender, mas na realidade prejudicando ou subtraindo o patrimônio espiritual da humanidade. Quão duras se-

rão as contas que terão de prestar a Deus!...

O Espiritismo é o expositor das leis de Deus, e portanto não há e nem pode haver fôrças humanas capazes de deter-lhe a marcha.

O Espiritismo é a voz de Deus chamando a humanidade para o seu reino.

Ouçamo-la.

## A Evolução Espiritual e Física

HENRIQUE RODRIGUES

Contaremos agora o terceiro e último caso do qual tivemos conhecimento, quando já professávamos a doutrina espiritualista. O livro, «O APÓSTOLO DOS PÉS SANGRENTOS», obra de compilação de Boanerges Ribeiro, nos conta a vida do grande cristão indú Sadú Sundar Singh. Todos aquêles que conhecem a história da vida dêsse homem sabem perfeitamente do quanto de valor moral, de elevação espiritual era êle possuidor. Dificilmente se encontra alguém tão virtuoso, tão profundamente entrosado com os ensinamentos do Divino Mestre. Sua vida belíssima devia ser conhecida de todos. Basta que se diga que, para muitos, e não apenas humildes, mas também para os potentados do conhecimento e do poder, êle se assemelhava ao meigo Rabi da Galiléia. Entre muitos acontecimentos de sua vida, selecionaremos dois, os que possuem identidade com o motivo de nossa explanação. A penetração cristã na Índia, não foi fácil, e aproveitamos ainda o ensêjo para tributar aos Evangélicos o reconhecimento pelo trabalho desenvolvido nêsse sentido, trabalho que não raro custava a vida dos abnegados pastores. E diremos de passagem que foi graças a êles que a conversão de Sundar Singh foi obtida.

Já, era Sundar Singh, Sadú, que indú significa «santo», e andava êle em pregações, quando aconteceu, o seguinte: —

No distrito de Toria atingiu um dia uma aldeia onde o povo não quis recebê-lo. Era o Sadú cristão e êles nada tinham com cristãos. Viu-se forçado a passar as noites numa caverna próxima. Comia frutos silvestres e vinha para a praça pregar e cantar inutilmente. Maltratavam-no e as línguas hindús, particularmente fér-

teis em insultos, se requintavam de sutilezas quando êle aparecia. Ao entardecer, um dia regressou desalentado. Nem uma alma se abrira para a mensagem do Evangelho. Chegou à caverna, estendeu a capa e dedicou-se a oração. Quando se deitou, as trevas haviam invadido a floresta e a caverna, trevas tão espessas que não conseguia ver a própria mão. A madrugada despertou com a desagradável impressão de algo quente e mal cheiroso nas proximidades. Voltou-se. Uma grande pantera dormia ao seu lado. Retirou-se precipitadamente e fugiu da mata. Passou o dia meditando sôbre a maravilha da Providência Divina que o guardara durante o sôno. Desde então, conta êle, «nunca uma féra me fez mal». Há ainda outra passagem em que, após um jejum prolongado, quando já estava semi-tolhido pela debilidade física, viu perto de si, com a dentuça arreganhada, o que lhe pareceu ser um leão ou um leopardo.

As narrativas encerram-se aqui. Seria longo enumerá-las, mas mencionaremos também que Francisco de Assis, em fato testemunhado e conhecido de muita gente, aproximou-se e dominou inteiramente um feroz lobo, que sobressaltava a localidade de Gúbio, na Itália.

Disse Paulo, o Convertido de Damasco na (1.<sup>a</sup> Epístola aos Coríntios Cap. 15), que «nem toda carne é a mesma carne». Aí está uma afirmativa de profundo caráter científico, e ficamos pensando como era possível a distinção de diferenças num terreno, em época tão remota, quando o conhecimento humano ainda éra tão restrito.

Agora, o mundialmente conhecido Dr. Alexis Carrel, em seu livro «O ho-



mem, êsse desconhecido», diz o seguinte, apoiado em estudos de anatomia, química, fisiologia, psicologia, pedagogia, história, sociologia e economia política: —

«De que modo se combinam as moléculas das substâncias químicas para formar os órgãos complexos e transitórios das células? De que modo os GENES contidos no núcleo do ovo fecundado determinam os caracteres do indivíduo que provém desse ovo? De que modo às células se organizam nessas sociedades que são os tecidos e os órgãos? Dir-se-ia que, tal como as formigas e as abelhas, elas sabem de antemão o papel que devem desempenhar na vida de comunidade. Somos um composto de tecidos, de órgãos, de líquidos e de consciência. Até que ponto pode a vontade modificar o organismo?»

Bastariam os quesitos formulados acima, para que todos nos compenetrássemos da heterogeneidade e complexidade do indivíduo, dentro da coletividade humana, mais heterogênea e complexa ainda. Se a ciência oficial dos homens aceitasse o positivo facto da sobrevivência da alma, não haveria razão para tais perguntas, e ela não se veria a braços com problemas de tal jaêz. Seleccionamos essas indagações, no terreno puramente físico, afim de que fique bem patenteado ter a ciência concluído pela existência dos motivos que dão margem a suas indagações. Todo fenómeno é, em si, causa e efeito, isto nos ensina a Grande Síntese, e, mais que isso, a própria decorrência da vida nos mostra que todo o facto deriva de um outro e dá margem a um novo prosseguimento de factos. Não existe nenhum fenómeno isolado, todos se encadeiam, e quem os queira observar separadamente perderá, pela atrofia, a visão do conjunto. Assim, nossa organização somática tem existência oriunda de uma outra existência, que lhe dá base de afirmação. Se as criaturas físicas são desiguais em tudo, claro está que as origens também são desiguais. Dois produtos em tudo iguais não podem dar margem a produção de sub-produtos diferentes. Portanto, se existem diferenciações entre os homens, é porque o que dá existência corpórea ao homem é diferente também. Deter-nos-emos mais um pouco neste ponto, afim de mostrar bem claro que a diferença existe, não apenas na forma, mas na substância também.

Qualquer um de nós, se nos postar-

mos diante da jaula de uma fêra, num dêsses parques zoológicos públicos, notará que a aproximação de determinados indivíduos parece excitar ou acalmar o animal enjaulado. Notará êle alguma diferença? De que espécie será ela? Por que via receberá êle essa diferenciação. Sensória ou psíquica? Evidentemente temos de eliminar qualquer possibilidade supranormal subconsciente. O germe desta existe evidentemente, mais ainda em estado embrionário, a espera de que a ação insubstituível do tempo, opere, por milênios, as condições necessárias, imprescindíveis ao seu desenvolvimento. Mais adiante mostraremos e exemplificaremos porque temos de abolir qualquer possibilidade de diferenciação psíquica, por parte de animais. A aceitarmos tal hipótese, seríamos obrigados a aceitar também no animal, faculdade de psicomètria, o que a simples exposição ressalta como um absurdo. Se não vejamos porque temos de atribuir a capacidade de diferenciação dos físicos no animal exclusivamente por intermédio de seus cinco sentidos: —

Em casos de pessoas desaparecidas, é comum darmos a um cão, para efeitos olfativos, um objeto de uso pessoal. Não lhe mostraremos fotografia estampada em jornal, nem a descrição de seu tipo. Porque, obrigatoriamente tem de ser o instrumento que o ligará à pessoa, algo que tenha tido contacto físico com o desaparecido? Porque razão, em caso de ser peça de vestuário, não pode ela ter sido lavada? Não está claro que, se fosse uma percepção psíquica, a ação da água em nada modificaria, como em nada modifica o tonus vibratório que lhe foi imprimido por seu possuidor? Porque razão o animal segue a trilha, do procurado, em vez de seguir em linha réta do ponto onde está, até onde se encontra o alvo de sua busca? Por que finalmente, sua capacidade de percepção é maior em locais pouco movimentados e sofre terrível redução em meios de maior aglomeração humana?

A psicomètria pode ser desenvolvida por dois processos. Ou o psicomètrista lê, no próprio objeto de estudos o seu passado, através de modificações de carácter vibratório, que os possuidores ou os fenómenos da vida que imprimiram e determinaram, por simbiose, uma modificação de ritmo, ou então, num processo mais simples, mergulha no espaço e no tempo, seguindo o rastro que tudo deixa



em sua passagem, e aí então vê a história do que está em exame. E' nesse imenso arquivo do tempo e do espaço, que estão testemunhados, digamos assim, os nossos atos e vidas pretéritas. Ao dizermos que uma pessoa é psicómetra, precisamos atentar bem se essa pessoa não é simplesmente um médium; que está reproduzindo a psicometria de um desencarnado ou mesmo incarnado. Se for do próprio indivíduo, se manifestará a qualquer momento, sem preparações, porquanto é uma faculdade dêle, e como tal manifestar-se-á sempre que a sua vontade assim o queira.

Como vimos, as possibilidades de pesquisa dos animais derivam exclusivamente de suas maiores ou menores capacidades sensorias, através portanto do que seus sentidos são capazes de apreender, e assim, por meio do que SENTIU, por um reflexo condicionado, ligar um efeito a uma causa. No caso da busca a um desaparecido, claro está que o sentido que orienta o cão é o olfato, mas, à guisa de ilustração, mostraremos como os outros sentidos animais lhes servem de veículo para manifestações aparentemente psíquicas, mas de cunho eminentemente condicionado ao plano da matéria densa.

O Prof. Pavlov, do Instituto de Pesquisas Biológicas de Leningrado, há trinta anos publicou o resultado de suas experiências, algumas das quais citarei rapidamente: Conta-nos êle que:

«... filhotes de cachorro, afastados das mães na hora de nascer e alimentados com leite, não reconhecem o pão nem a carne como alimentos, e quando os vêem pela primeira vez cheiram-nos com curiosidade e experimentam prová-los, comportamento que contrasta extraordinariamente com a salivacão e o lambar dos beijos de um cão mais experimentado, quando VÊ o alimento.»

Em matéria de audição, todos sabemos que o animal aprende o seu nome, e ainda segundo uma observação de Pavlov, «um cão policial chamado Camarada, pertencente a Mr. Herbert,

de Detroit, foi capaz de executar ações como «vira a cabeça», «olha para mim», «rola no chão», com a ausência do dono da sala onde se encontrava, afim de evitar-se que qualquer gesto involuntário pudesse denunciar ao cão, o que se exigia dele.»

Vamos a um último exemplo, para demonstrar que os animais precisam de um acontecimento de caráter físico, para reagirem de acôrdo com o objetivo que lhe deu origem. Prendeu êle um cão em uma cabine à prova de sons, de cheiro e de visão. Em determinada hora, uma campainha era tocada, e incontinentemente lhe forneciam alimento tão a seu gôsto. Ao fim de um certo tempo, embora o cão estivesse dormindo, ao tocar a campainha, levantava-se, e profunda salivacão era produzida, porquanto sabia de antemão que aquilo pronunciava comida. Um dia, porém, a campainha tocou e nenhum alimento lhe foi dado. Pavlov que observava, sem ser visto, notou no cão uma expressão que em têsto êle reproduz assim: «o animal pareceu querer dizer: Ora bolas! Algo anda errado por aquí, a campainha tocou e a comida não veio! E' melhor não prestar atenção à campainha, até que as coisas voltem ao normal.»

O psiquismo do cão revela-se assim automático, magnéticamente preso a um reflexo condicionado, porquanto êle é ainda uma faculdade a ser desenvolvida portanto em potencial apenas. A profunda e aperfeiçoada capacidade sensoria dos animais, é pois perfeitamente explicável, porque a limitação dos meios conduz a um maior e melhor conhecimento dos mesmos. O homem, tendo o seu campo mais vasto, não pôde evidentemente ter no detalhe de um sentido aquilo que o animal tem como única manifestação de percepção. Um clínico geral não pode ter o mesmo conhecimento de uma determinada especialidade no campo médico, quanto tem o especialista daquela matéria.

(Continua).



*A estrada da existência terrena é íngreme e cheia de obstáculos. Ninguém a percorre e remove os obstáculos sem lutas renhidas, em que a paciência, a perseverança e a boa vontade constituem as únicas armas da vitória. Sêde fortes em virtudes, para poderdes vencer as duras refregas inerêntes à vida material e tornar-vos dignos do reino de Deus. — CAIRBAR.*



# Nebulosas, Berços de Estrêlas



E olharmos com atenção para o céu, em uma noite límpida sem lua, veremos entre o esplendor das estrêlas certas manchas negras, das mais variadas formas e extensões, bem delineadas, parecendo verdadeiros abismos cavados na via-láctea.

Tratam-se de tênues massas gasosas, chamadas nebulosas, que pelos seus enormes volumes ocultam aí estrêlas que se acham por de trás de suas formações. Na constelação do Cruzeiro do Sul é fácil notarmos um desses corpos, de forma ovalada, denominado Saco de Carvão. Se vemos as estrêlas que se acham dentro dos seus limites é porque elas estão para aquém de sua extensão.

Além dessas, nebulosas escuras, existem as luminosas, cujo brilho atribuem-se ao reflexo da luz das estrêlas que lhes estão próximas ou, mesmo, devido algum astro luminoso que interpenetrando na sua massa, associam-se a elas, tornando-as brilhantes.

Estas nebulosas de que estamos tratando pertencem a nossa galáxia, mas existem as que se acham fóra das fronteiras da nossa via-láctea, e que revelam uma sequência evolutiva na criação de outras galáxias.

Os astrônomos, baseados nas pesquisas espectroscópicas, e observações das variadas formas desses corpos gasosos, estão de acôrdo de que as nebulosas realizam um trabalho evolutivo manipulado pelas leis da natureza, revelando uma relação entre elas e o nascimento das estrêlas.

Assim, as diversas teorias da origem estelar fundamentam-se sempre no princípio de que as estrêlas já foram nebulosas.

Vejamos, como a natureza realiza essa tarefa evolutiva.

As nebulosas, nas suas mais variadas formas primitivas, indicam tratar-se de parcelas, relativamente concentradas, de uma nuvem cósmica que abrange todo o Universo. Esses corpos nebulares, iniciados com enormes extensões, movendo-se lentamente no sentido de rotação, formam um núcleo, onde a concen-

tração de sua massa torna-se cada vez mais densa. Com o aumento gradativo de velocidade rotatória, e a concentração cada vez maior das partículas que se colidem e são atraídas pelo núcleo, o calor ali aos poucos vai aumentando até que em dado momento toma consideráveis proporções. Neste estado, em que a nebulosa já se acha de uma forma mais definida, ali, no seu núcleo, agitadas pela pressão e intenso calor, as partículas atômicas se chocam violentamente, resultando em dado momento as condições favoráveis para as primeiras reações nucleares, iniciando um verdadeiro incêndio atômico no centro nebular. Com tremenda liberação de energia irradiante, o calor atinge a cifra do milhão ou mais graus de elevação, terminando o ciclo de uma ex-nebulosa, para dar nascimento a uma estrêla avermelhada, gigante, pouco densa, e relativamente fria em relação às outras mais idosas.

Difícil concebermos quanto tempo a natureza levou para concluir essa manipulação nebular, transformando-a em estrêla, mas os cálculos deverão atingir a cifra dos milhões ou, talvez, bilhões de anos.

Nestas condições é fácil concluirmos que o nosso Sol também foi uma nebulosa de gigantesca proporção, e no seu nascimento foi uma estrêla gigante vermelha.

A sua côr amarela atual explica-se pela sua elevação de temperatura e, futuramente, êle passará ainda por outras côres seguindo um ciclo evolutivo, até a ocasião de sua morte.

Ainda, deveremos não esquecer que a elevada produção de energia das estrêlas é produzida no seu núcleo, onde as condições de temperatura é elevadíssima. Qualquer teoria, que por ventura surgisse, supondo que o calor do Sol, ou das estrêlas, prevalece na periferia, e não no centro, não encontra apoio nas leis do Universo. Uma vez que a energia estelar é de origem atômica, estas reações ali dão-se contínuas, cujo ritmo não se realiza em temperaturas que não atinjam milhões de graus, onde a contração de massa também desempenha a sua parte.



Nestas condições, não se concebe que o Sol tenha a sua fonte de energia na sua superfície, pois aqui, sem a pressão necessária, a temperatura acha-se apenas elevada a 6000 graus de calor, condição esta que não poderia alimentar as reações nucleares da longa vida solar.

Como vemos, as estrêlas, desde o nascimento, até a morte, irradiam energia do centro para a periferia, e os nossos cientistas conseguiram imitar êsse trabalho, bombardeando os núcleos dos últimos redutos da matéria, desvendando íntimos segredos da natureza.

Êste sucesso dos nossos pesquisadores é uma autêntica confirmação de que a ciência está sabendo o que se passa no interior das estrêlas, pois os mesmos processos em que os nossos cientistas utilizam na transformação da matéria em energia fundamentalmente não diferem do mesmo trabalho realizado pela natureza estelar, no interior dos astros irradiantes que resplandecem na majestosa obra da Criação Divina.

V. O. CASELLA.

Araraquara, Julho de 1957.



## Torturava Seus Escravos...



General Levino C. Wischral

Compelida pela dor, dona Marciana Coimbra, boa católica e bem casada, procurou ansiosa e como última esperança o Espiritismo, isto porque, após percorrer ambulatórios e consultórios por mais de nove anos consecutivos, ouvira afinal, decepcionada, que a ciência médica não podia curá-la.

Quase aos gritos, lá estava a enferma lacriminosa, face transtornada, rogando ao presidente do Centro Espírita Boa Vontade, de Curitiba, um alívio imediato para as dôres localizadas nas pontas de seus dedos. Queria com insistência uma cura instantânea, enquanto ali se contorcia.

Seus dedos estavam exageradamente inchados e, em lugar das unhas, eram vistos apenas dez pedaços de esparadrapo branco a envolverem-lhe as cabeças dos dedos. Aquelas mãos feias e tumefactas constratavam horrivelmente com as maneiras austeras, porém delicadas, de dona Marciana, que traduzia em seu porte um quê fidalgal de antiga dama vaidosa e autoritária; sua fisionomia, pode-se dizer, retratava traços de dureza e lembrava uma expressão medieval.

Madama Coimbra conduzia um rosário de dôr que a qualquer pessoa deixava assombrada. Sem que a ciência pudesse amenizar seu padecimento, notava-se que as unhas e as pontas dos dedos, periôdicamente, inflamavam exalando supuração fétida. Às análises e demais exames clínicos nunca chegavam a descobrir a misteriosa causa. A dôr sô-

mente cessava, por algum tempo, quando os médicos recorriam à medida extrema qual seja o arrancar a frio as unhas da paciente; isso mesmo tinha que ser feito sem anestesia, visto ser dona Marciana uma cardíaca em último grau. Nem o sedativo ou a anestesia local era capaz de favorecer-lhe o mínimo lenitivo. Parecia mesmo que a senhora teria, por destino cruel, sofrer até a morte, sem alívio! Só a desumana e brutal terapêutica do — arranca-unhas — dava-lhe relativo sossêgo por dois ou três meses. Quando, porém, as unhas novamente apontavam, rasgando com violência as carnes, lá vinha a repetir-se o tremendo drama de aflições, lágrimas, sangue e maldições. Era um verdadeiro mistério, diziam os médicos; nem sabiam como dona Marciana conseguia suportar tamanha desgraça carregando tão importuna cruz, por mais de dez anos seguidos.

Tudo isso ela estava relatando ao dirigente daquele Centro.

Finalmente, à noite, nos trabalhos doutrinários, o médico espiritual, Dr. Moacir T. da Rocha, desvendou-nos o enigmático caso, manifestando-se através do médium Hercílio, esclarecendo com palpantes pormenores a razão da enfermidade e, bem assim, o motivo justo de os médicos não conseguirem curar a doente.

Assim, ficamos sabendo que o espírito que anima a atual dona Marciana já animara o corpo de um homem sanguinário e déspota, na remota época do



ano 1.418 na velha Espanha, usando então as vestes de um inquisidor-mór. Sua penúltima encarnação se dera no ano de 1.825, em que se reencarnara o mesmo espírito, esta vez com o nome de Josefina, uma arrogante e autoritária dama, proprietária de imensa fortuna em beneficência, escravos e fazendas de cana e café no Estado do Rio.

Tinha ela, então, por diabólica mania, e até se comprazia nisso, arrancar as unhas de seus escravos, por somenos motivos. Quando ela se aproximava daquelas criaturas infelizes, todas fugiam espavoridas; até os animais domésticos se afastavam amedrontados quando dona Josefina se aproximava deles; nem a cruz ou o diabo infundia tamanho terror!

Do escravo Sebastião foram arrancadas as unhas da mão direita, por haver êste subtraído, para matar sua fome, pequena quantidade de cereal dos depósitos abarrotados. De Maria, a aloucada, foram desraizadas as unhas por ter esta, num ato de desvario, convidado o capitão do mato à prática de ação imoral. Da boa escrava Custodia foram arrancadas suas unhas por ter esta se agarrado a seu filhinho para evitar que fôsse vendido a outro fazendeiro; de João, o africano, mandou até decepar as pontas dos dedos, tão só por haver êste declarado seu amor a uma das filhas de Josefina. Assim ela procedia, até que, em 1.873 desencarnou violentamente, es-traçalhada à sanha de uma revolta de cativos na senzala. Eis o que achamos anotado em sua Ficha-Vida nos Departamentos de Justiça do Céu.

Apesar do livre arbítrio das criaturas, teve a Justiça divina que intervir levantando sua destra para recomendar: —«Chega dona Josefina— vamos à prestação de contas!»

Agora, pela Lei Kármica, sofre dona Josefina, aliás a atual dona Marciana, o choque de retôno que teve por origem seus próprios atos de vidas passadas. Está colhendo, nas mesmas condições e até de modo mais suave, o que imprudentemente semeou quando inquisidor na Espanha e quando rica fazendeira no Estado do Rio. Era então «dona» de incontável número de escravos que foram postos em seu caminho para

que ela os tornasse mais humanos e os esclarecesse com amor de acôrdo com os preceitos ensinados por Jesus.

Ninguém pode escapar ao impositivo que o brocardo popular define como: «Quem com ferro fêre, com ferro será ferido». Muitas pessoas que há pouco viram dona Marciana sofrer, chegaram a dizer: «Como Deus é injusto».

Para os estudiosos é digno de observação a conduta da Justiça de Deus, isto é, como esta se processa. Num rápido exame, podemos reparar que os médicos, inconscientemente, funcionavam como «carrascos», pois, tiveram que arrancar a frio as unhas da enfôrma, tal como esta fazia com aqueles pobres escravos. Dona Marciana era pois, submetida a sanção dos artigos da Lei do Karma, que determina devesse ela colher as mesmíssimas dôres que infligira a outrem. E, para que tudo se cumprisse integralmente, até o último pontinho do *i*, no dizer do Evangelho, teve a Justiça que providenciar que dona Marciana nascesse provida de grave lesão cardíaca, apesar de ter seus pais sãos, ficando, dessa maneira, impossibilitada de receber os dádivosos benefícios de uma anestesia. Era necessário sujeitar-se aos efeitos da dor que redime e retifica.

Depois de haver gasta toda sua imensa fortuna, e, após horríveis sofrimentos físicos, foi finalmente hospitalizada há dois anos atrás, como insana mental, em consequência da maldita herança de loucuras passadas, vindo a nossa irmã desencarnar após a erupção de um tétano generalizado; a demência final suavizou-lhe, em parte, o pior dos padecimentos.

Mas, caros irmãos, não se condôam tanto, pois, ao transpôr, aliviada, e quase remida, as portas da eternidade, foi a nossa irmãzinha recebida em nova e confortável morada espiritual, com amor e carinho e, sabem por quem? Por suas próprias vitimas de tempos idos, aqueles bons pretos velhos, aqueles humildes escravos que também se redimiram pela dôr.

A colheita sempre é obrigatória, enquanto a sementeira é livre!...

Saibamos semear com Jesus!



# Memórias de um Espírita Baiano

LEOPOLDO MACHADO

## XXIV CAPÍTULO

Livros — namoros — poesias — poetas

1) O hábito de ler, de devorador de letras, de páginas e de livros, eu havia contraído no *Hotel Central*. E continuou-se por aí a fora, até hoje. Não sofreu interrupção nos dias da *Sapataria Esmeralda*.

2) Lia livros emprestados. E anotava os livros lidos num caderninho por um sistema interessante: numero de ordem, nome do livro e do autor; quem mo emprestara, data do começo e do fim de sua leitura. Meu mapa de livros lidos chegou ao numero de 318 volumes. Era muita coisa. Tive que parar a anotação.

3) Comprava menos livros. Comprava-os no *cêbo*, de preferência. E gostava muito de ler autor seguido, se era autor que me agradava. Cheguei a ler, assim, toda a obra de José de Alencar, Aluizio de Azevedo, J. M. de Macedo, Coelho Netto, Bernardo Guimarães, entre outros autores nacionais. Dos estrangeiros, Vitor Hugo, Camilo Castelo Branco, Peres Escriche, Paulo de Koch, Julio Verne...

4) Versos? Todos os poetas de minha preferência, desde Casemiro de Abreu até Olavo Bilac. Isto é, desde o mais sentimental e chorão, até o mais castigado na forma, sereno e superior...

\* \* \*

5) Um noivo crônico da irmã mais velha de minha namorada, apresentou-me, um dia, um dentista itinerante: O Dr. Coelho Borges, que teria de ser um grande amigo.

6) Combinei com êle fazer o conserto na boca da namorada, de vez que tratava os dentes da irmã. Ele alegaria que seu serviço era gratis e eu lhe pagaria depois. Assim sucedeu, com efeito. Não sei se aceitaram a historia. Mas, sei que êle fez o serviço, e eu lho paguei.

\* \* \*

7) Naqueles dias, eu dei para andar todo de branco, da cabeça aos pés, desde o chapéu de *Panamá* ou *Chile*, até

os sapatos de crômo, com meias brancas. Camisa e gravata brancas, também...

8) Ia esperar, às vezes, a namorada, à porta a *Escola Normal*. Uma tarde, assim que saiu a turma de moças e que eu me aproximei da namorada, estourou uma vaia forte, estrepitosa: «perú de chapéu branco! Perú todo branco! *fiiau! fiiau! fiiau!*» Vaia de garotada irrequieta e gárrula.

9) *Perú* era, então, o pejorativo de namorado impertinente. *Peruada*, namoro.

10) Não nos desconcertamos. Nem ela, nem eu...

11) Naquele tempo, não se falava abertamente, em namorar, em namoros, em namorados... Tudo isso eram coisas reservadas e respeitadas. Comigo, por exemplo, foi assim. Sua gente sabia de nosso namoro, e até o incentivava. Mas, não que nós — ela e eu —, falasse nele, absolutamente.

12) Só nos víamos de dia. Ou nos bailes, à noite.

Minhas noites eram consagradas à leitura ou a boêmia. Mas, boêmia sem alcool, alegre e versomaniaco. E, às vezes, a outros namoros...

\* \* \*

13) Uma feita, no sobrado defronte, na *Ladeira do Taboão*, deparou-se-me uma carinha alegre e vivã, a sorrir-me.

— Seu nome? Quer dizer o seu nome?

— Laura... Móro no Travassos, n.º 102, numa casa para dentro de um grande quintal.

— Obrigado. Amanhã, às 7 horas, visita-la-ei, posso?

14) Visitei-a, efetivamente, e fiquei visitando-a sempre, àquela hora.

15) Acontece que as duas, a Laura e a Rosa, se encontraram, um dia. E descobriu se a minha *maroteira*. Eu tinha, assim, de preferir uma das duas. Preferi, é óbvio, a mais antiga...

\* \* \*

16) Outra feita, o José Firmino de Brito levou-me à casa de duas jovens, em Itapagipe, que desejavam me conhe-



cer. iam representar um *reizado* de minha autoria, em que havia um Arnaldo gaiato e muito vivo.

17) Uma das moças, de tal modo se assenhoriou do papel de Arnaldo, que pelo nome de Arnaldo ficou conhecida na família.

18) Gostei, a primeira vista, da moçinha e parece que ela de mim.

19) Sua mãe perguntou-me, no decorrer da conversa, se eu tinha religião.

20) Não, minha senhora. Já não creio em nada.

21) E contei-lhe, superficialmente, a minha vida de garoto beato, a influência que o Uriel, protestante, exerceu sobre mim, a leitura do *Gênesis* ao *Apocalipse*, da Bíblia, e outras leituras negativas, as decepções que outros religiosos me causaram, para concluir que já não acreditava em religião nenhuma que as religiões não consertam ninguém.

22) Nem em Deus? Pois seria, para mim, um desgosto profundíssimo se uma de minhas filhas gostasse de um jovem assim, por mais inteligente que ele fôsse. E viesse a casar-se com êle...

23) Compreendi tudo. Aquilo era bem um desengano antecipado.

\* \* \*

24) Mas, voltemos ao meu velho namoro.

la muitas vezes, com ela e a irmã, a festas de rua, a bailes.

25) Uma feita, uma senhora casada, vizinha de sua família, pergunta, intrigando, ao pai dela como êle consentia que suas filhas saíssem, assim, constantemente, com um rapaz solteiro, para bailes e festas.

26) A resposta veio imediata do velho: «Eu confio mais minhas filhas àquele moço, do que a muitas mulheres casadas que eu conheço».

27) A referência, a alusão devia ter doído bem nela, cuja vida conjugal...

28) Porque toda essa confiança no namorado da filha?

Não decorria, apenas dos bilhetinhos que, vez por outra, me mandava, dizendo-se *apertado como um charuto* e pedindo emprestado algum dinheiro. Atendia a seus bilhetinhos, devolvendo-os, nobremente, com o dinheiro pedido emprestado, que nunca era pago.

29) É que, àquela altura, eu já pensava assim: Devo respeitar as mulheres

dos outros porque desejo me casar e gostarei que minha esposa seja honesta e respeitada. Devo respeitar as filhas alheias, porque, casando-me, desejo ser pai, desejo ter muitas filhas e não gostarei que minhas filhas sejam desrespeitadas. Devo tratar a todas como homem de bem porque, como homem de bem espero ser considerado também.

\* \* \*

30) Entretanto, eu era doído por festas. E gostava de ir com ela sinão, com seu irmão, um violãoocista e cantador de modinhas e cançonetas.

31) Usava-se, então, proceder as festas dançantes a foguetórios.

32) Saíamos, os dois, assim, principalmente aos sábados, à cata de festas. Onde espoucasse um foguete, aí estávamos. E entrávamos sempre. Eramos legítimos *penetras*.

33) Uma feita, apareceu, em Salvador, o Eduardo das Neves, o criador do «*A Europa curva-se ante o Brasil*». E clamou — parabens! — em meigo tom. Brilhou lá no céu mais uma Estrela: apareceu Santos Dumont.»

34) O Edgard quis medir fôrça e folego com o grande creoulo cantador, influenciado por mim e por outros companheiros. Mas, fracassou logo nas primeiras notas.

35) Doutra feita, numa pensão familiar, a que foram todos, eu não consegui penetração. Mas fui na cauda de um grupo de convidados, como se eu convidado fôsse também.

36) Na época, os bailes tinham um aspecto multiforme e variadíssimo. As danças preferidas: polcas, valsas, chotes, tangos, mazurcas, quadrilhas. E havia ainda horas para canto, declamação, passeio galanteadores...

37) Eu declamava — dizia-se recitar — poesias sentimentais e humorísticas. E marcava muito bem a quadrilha, em francês, embora o meu francês não passasse do *en avant, en arriere*...

38) Ora, depois de uma quadrilha marcada por mim e de uma poesia, chistosa, que terminava, humoristicamente, assim:

«Depois, ao sair, chamou-lhe flôr,  
E logo respondeu-me o tal primor:  
Ah! quem dera que cesse».

Depois de todas essas coisitas, dir-

se-ia que eu estava dono do salão, que era minha a festa, que a festa era dirigida por mim...

\* \* \*

39) O Germano era um rapaz que tinha um fabrico de tinta de escrever no andar, bem defronte da *Sapataria Esmeralda*. Passou a comprar calçados comigo.

40) Declamava bem coisas caricaturais. Dir-se-ia um grande ator. Era uma delicia ouvi-lo dizer, a seu modo: *O Espirro: Porta aberta. Diz-se que o justo peca. Como peca, pecasse ou pecando...* e vai por aí afóra, arrancando gargalhadas de quantos o escutavam. E quando ia, dizer, indiscretamente, a coisa, concluia: «E o espirro... passou!»

# ❖ A Paz do Senhor ❖

Tradução, Interpretação e Estudo de BIANÔR MEDEIROS

## I. — TÊXTOS :

1. — *Isaias, II, 6, 7*: «Foi nos dado um menino e filho que tem o governo da Terra e dos seus habitantes. O seu nome é Maravilhoso Conselheiro, Poderoso Senhor, Eterno Pai, Principe da Paz. A sua autoridade e a sua paz crescerão sempre sôbre o trôno de David e sôbre o seu reino que será firmado e confirmado em Juizo e Justiça por toda a eternidade. O amor do Eterno fará isso».

2. — *Isaias, XXXII, 17*: «Só a Justiça gera a paz. O efeito da Justiça será o sossêgo e a confiança para sempre no Justo Rei da Terra.»

3. — *Isaias, III, 22*: «Para os ímpios (os que não teem fé) não haverá paz, diz o Eterno.»

4. — *Isaias, XXX, 15*: «Assim diz o Eterno, o Santo de Israel: Se obedecerdes à minha vontade e se pacificardes a vossa mente, sereis salvos. Se tiverdes confiança em mim, tereis poder espiritual e tranquilidade de espirito.»

5. — *Salmos, CXXX, 165*: «De grande paz gozarão os que amam a tua lei e nada há que os faça fracassar.»

6. — *Salmos, CXXII, 7*: «Haja paz dentro dos teus muros e prosperidade nos teus palácios.»

7. — *Salmos, CXXII, 8*: «Por amor dos meus irmãos e amigos, digo eu: Haja paz dentro de ti.»

8. — *Salmos, XXXIV, 14*: «Desvia-te do mal e faze o bem. Busca a paz e segue-a».

9. — *João, XX, 26*: «Oito dias depois se reuniram no mesmo local Tomé e os demais discípulos. As portas estavam fechadas quando Jesus appareceu diante dêles e os saudou: A paz seja convosco».

10. — *João, XIV, 27*: «A paz vos deixo, a minha paz vos dou. Eu não a dou como a dá o mundo. Vivei, pois, com naturalidade, sem inquietação nem dissensões».

11. — *Mateus, XI, 28, 29, 30*: «Vinde a mim vós que andais aflitos e perturbados e eu vos aliviarei. Guardai a minha doutrina e aprendei comigo que sou manso e humilde de coração, e achareis descanso para as vossas almas atribuladas. O meu amor é suavidade e as tarefas que eu vos confio são leves».

12. — *Mateus, V, 4*: «Os mansos serão felizes e possuirão a Terra».

13. — *Mateus, V, 9*: «Os pacíficos serão chamados filhos do Altíssimo e serão muito felizes».

14. — *Mateus, X, 12, 13*: «E ao entrardes em qualquer casa, saudai-a: A paz do Senhor seja nesta casa. E se a referida casa merecê-la, descera sôbre ela a vossa paz e se não merecê-la, voltará para vós a vossa paz».

15. — *Lucas, II, 14*: «Glória ao



Etérno nas culminâncias do seu reino e paz na Terra aos homens que tiverem o seu amor».

16. — *Mateus, V, 37 a 48*: «Mas seja o vosso falar: Sim, sim; Não, não. Tudo o que passar disto procede do mal. Vós ouvistes o que foi dito: Olho por olho e dente por dente. Eu, porém, vos digo: Não resistais ao que vos faz mal. Se alguém te ferir na face direita, oferece-lhe também a esquerda. E ao que quer demandar-te em Juízo e te tirar a túnica, larga-lhe também a capa. E se alguém te obrigar a andar carregado mil passos, vai com êle mais dois mil. Dá ao que te pede e não fujas ao que deseja empréstimo. Ouvistes o que foi dito: Amarás ao teu amigo e aborrecerás ao teu inimigo. Mas eu vos digo: Amai os vossos inimigos e fazei o bem aos que vos perseguem e orai pelos que vos odeiam e caluniam, para serdes filhos do vosso Pai Celestial, que faz nascer o Sol sôbre os bons e sôbre os maus e faz cair a chuva sôbre os justos e sôbre os injustos. Se vós amais sômente os que vos amam que recompensa recebereis? Não fazem o mesmo os publicanos? Se vós saudardes sômente os vossos irmãos, que fazeis nisto de especial? Não fazem assim também os gentios? Sêde, pois, perfeitos como é perfeito o vosso Pai Celestial».

II. — Paz é tranquilidade, sossêgo, calma, bom humor, confiança, estabilidade, vida normal, serenidade, concórdia, harmonia, fraternidade, solidariedade, repouso, silêncio, quietude, isto é, o contrário de guerra, de luta, de hostilidade, de peleja, de combate, de batalha, de vingança, de ódio, de cólera, de raiva, de nervosismo, de perseguição, de desêspero, de aflição, de impaciência, de ansiedade, de agitação, de inquietação. Há a paz aparente que o mundo oferece aos ricos que gozam da estima dos poderosos, no confôrto de todos os bens materiais, que resulta da ignorância da vida espiritual e da falta de fé. E há a paz espiritual que vem do alto, através da reeducação cristã, que estrutura a vida eterna. A primeira, a do mundo, é passageira e illusória. A segunda, a espiritual, é a verdadeira, transpõe a morte, não tem fim, porque resulta da sabedoria e da fé. A paz do mundo vale pouco e pouco nos interessa, a que vale muito e muito nos in-

teressa é a paz espiritual, eterna, divina, sem fim. A paz espiritual é a graça divina, o amor do Senhor, a firmeza da fé, excelente virtude que tem a sua gradação que vai ao infinito. A paz transforma o cristão numa fortaleza de luz e de resistência ao vendaval das paixões humanas. A paz interior gera a paz exterior, formando as condições propícias para que a alma se desenvolva em si mesma, trabalhe naturalmente, produza com eficiência, prospere, progrida, sare, viva com naturalidade e seja realmente feliz. Por isso temos necessidade de estudar e conhecer a paz em sua intimidade, para vivermos bem no sentido espiritual e social, já que o homem é uma unidade da vida em sociedade, com fortes vínculos de interdependência de uns para com os outros.

III. — Todos nós, com raríssimas exceções, somos ainda criaturas inacabadas, incompletas, imperfeitas com capacidade própria para progredirmos moral, intelectual e afetivamente, isto é, no sentido espiritual total, com o decurso do tempo, da colaboração amiga dos espíritos superiores. Como um artista, auxiliar e colaborador da Divina Providência, precisamos concluir a obra divina em nós mesmos, trabalhando-nos com amor e dedicação, até que nos tornemos obra prima da natureza, rainha da criação. Para isto precisamos usar a inteligência, a habilidade, os bons sentimentos e desenvolvermos o gosto pelo belo, pela arte, pela elevação e sublimação do espírito imortal, o nosso eu divino. Começemos pelo autocontrôle, pela auto-disciplina, pela auto-educação, refreando as nossas paixões, os nossos desejos desordenados e os nossos vícios, dominando os impulsos inferiores do nosso eu, vencendo a própria tirania. Quando tivermos o contrôle absoluto da nossa vontade caprichosa e arbitraria, dos nossos desejos impuros, quando formos senhores de nós mesmos, libertos das consequências do pecado e do crime, bem como das limitações da carne, já estaremos pertos do fim colimado, a perfeição espiritual.

IV. — O Código de Moral Divina condena sempre e sistematicamente a violência, partindo de Moisés, através dos profetas, através do Messias e de seus discípulos, culminando o esforço Divino contra a tirania e a desordem com o Espiritismo, como provam as lições recebidas do Alto:



1) — «Não matarás»--(Exodo, XX, 13);

2) — «E, assim, tudo o que vós que-  
reis que vos façam os homens, fazei-o  
também vós a êles. Porque esta é a lei e  
os profétas». (Mateus, VII, 12);

3) — «Não queirais julgar, para que  
não sejais julgados. Pois com o juízo  
com que julgardes, sereis julgados; e com  
a medida com que medirdes, vos medi-  
rão também a vós». (Mateus, VII, 1, 2);

4) — «Quem com ferro fêre com fer-  
ro será ferido». (Mateus, XXVI, 52);

5) — «Quem semeia vento colherá  
tempestade».

6) — «E digo-vos que de toda a pa-  
lavra ociosa, que falarem os homens, da-  
rão conta dela no dia do juízo. Porque  
pelas tuas palavras serás justificado e pe-  
las tuas palavras serás condenado». (Ma-  
teus, XII, 36, 37).

7). — «Supunhas fazer justiça pelas  
próprias mãos, quando só fazias expandir  
a cólera aniquiladora. Porque razão, meu  
filho, pretendeste equilibrar a vida, pro-  
vocando a morte? Como conciliar a jus-  
tiça com o crime, quando sabemos que o  
verdadeiro justo é aquele que trabalha e  
espera no Pai, O Supremo Doador da  
Vida?» (André Luiz, no Mundo Maior,  
pág. 64, Cipriana);

8) — «Porque, se o conhecimento  
auxilia por fóra, só o amor socorre por  
dentro. Com a nossa cultura retificamos  
os efeitos, quanto possível e só os que a-  
mam conseguem atingir as causas profun-  
das. Ora, os nossos desventurados amigos  
reclamam intervenção no íntimo, para  
modificar atitudes mentais em definitivo...  
E nós ambos, por enquanto, apenas co-  
nhecemos, sem saber amar». (André Luiz,  
No Mundo Maior, pág. 60, Calderaro);

9) — «Assim dizendo, acercou-se de  
ambos os infelizes, postando-se em atitu-  
de de oração. Que estaria pedindo às Fôr-  
ças Superiores, ali, diante de nós, aquela  
mulher de extraordinária expressão? Sen-  
tia-lhe, enlevado, a sinceridade profunda,  
a humildade fiel. A prece, em que por  
alguns minutos se concentrou, saturava se  
de sublime poder, porquanto em breve,  
suave luz descia do alto sôbre a sua fron-  
te venerável. Gradativamente Cipriana se  
fazia mais bela. Os raios divinos a fluírem  
dos mananciais invisíveis, envolvendo-a,  
transfiguravam na toda. Tive a impressão  
de que a sua organização perispiritual ab-  
sorvia a claridade maravilhosa, represan-  
do-se-lhe no ser. Escoados alguns momen-

tos, circundava-a refulgente halo, cuja  
santidade senti dever respeitar. Dos olhos,  
do torax, das mãos afluíam irradiações de  
frouxa e suave luz, que não me terrifica-  
va a retina surprêsa. Estava formosa, ra-  
diante, qual se fôra a materialização da  
madona de Murilo, em milagrosa apari-  
ção... Estendeu as mãos para os dois des-  
venturados, atingindo-os com seu amoro-  
so magnetismo, e notei, assombrado, que  
o poder daquela mulher sublimada lhes  
modificava o campo vibratório. Sentiam-  
se ambos desfalecer, oprimidos por uma  
fôrça que os compelia à quietação... A  
mensageira, avisinando-se, os tocou de  
leve na região visual; reparei, de minha  
parte, que ambos registaram abalo mais  
forte e indisfarçável». (André Luiz, no  
Mundo Maior, pág. 60/61, Cipriana);

10) — «Em todos os lugares, um  
grande amor pode socorrer o amor me-  
nor, dilatando-lhe as fronteiras e impelin-  
do-o para o alto, e, em toda parte, a  
grande fé, vitoriosa e sublime, pode au-  
xiliar a fé pequenina e vacilante, arreba-  
tando-a às culminâncias da vida». (André  
Luiz, Libertação, pág. 163, Gubio).

Só o conhecimento orienta, só a luz  
vence as trevas e só o amor vence o ódio,  
pacificando a vida.

V. — Lancemos um rápido olhar pa-  
ra o passado, recuando o tempo, pela re-  
gressão da memória adormecida. Vimos  
rolando pela vida afóra, de reencarnação  
em reencarnação, como elementos em fú-  
ria, como um vulcão prestes a entrar em  
erupção, como um furacão sem rédeas e  
sem freio. A nossa mente é um tornado  
a desarmonia, o desequilíbrio, a pertur-  
bação, o desassossêgo, o desespero, a afli-  
ção, a ansiedade, a cólera, a raiva, o ódio,  
a hostilidade, a revolução, a guerra, a tor-  
menta, o afogamento que nos infelici-  
ta, infelicitando os nossos amigos, os nos-  
sos vizinhos, os nossos semelhantes, os nos-  
sos familiares. Olhai e vêde! Por toda par-  
te os loucos, os mutilados, os paralíticos,  
os deformados! São essas as marcas que  
caracterizam os homicidas, os violentos,  
os desordeiros, os que praticaram crimes  
de precipitação, os que trazem os estíg-  
mas da Justiça Divina marcando-os como  
fêras indomesticadas.

A nossa formação mental, que de-  
corre do nosso milenário estílo de vida  
anti-espiritual, é a do soldado pronto pa-  
ra o ataque e para a defesa, o da fêra



pronta para o assalto, para a destruição, para a morte, para dominar a presa cobizada que despertou os nossos instintos animais. Pois não temos passado de sanguinários, de simples alienados mentais, de tarados sexuais, de megalomaníacos do poder e da riqueza, inflados de orgulho e de egoísmo ferozes. Na maioria da humanidade ainda predomina o instinto animal sobre a razão, a vontade atrabiliária sobre o sentimento. Por isto o homem é definido pela ciência da Terra como «animal racional», quando pela Sabedoria Divina é um espírito imortal, embora tenha ainda o coração empedernido e insensível, sem amor e sem vida afetiva. Precisamos, pois, e sem demora, demolir esse edifício espiritual pernicioso e homicida, que edificamos com o rolar do tempo, de peregrinação em peregrinação, para recomeçarmos de novo, tarefa essa muito séria e delicada que fere frontalmente o nosso amor próprio, o nosso desmedido orgulho, o nosso feroz egoísmo. Temos, pois, que pensar, sentir e agir de modo diverso do passado inglório, para ingressarmos definitivamente no glorioso futuro que nos está reservado pelo Soberano Criador e Governador do Universo todo. Não podemos mais, em sã consciência, continuarmos saindo do campo da ociosidade para cairmos no da arbitrariedade, do emaranhado da desorganização, da incredulidade e da indiferença para cairmos no da animalidade primitiva.

VI. — Começemos a nossa reforma interior substituindo os vícios milenários pelas virtudes opostas e novas que nos chegam agora ao conhecimento. Joguemos fora todas as nossas armas de violência e de destruição. Pacifiquemo-nos todo, integralmente, cem por cento. Desarmemos os nossos pensamentos, os nossos gestos, as nossas ações, a nossa língua e a nossa linguagem, o nosso rosto, os nossos olhos, os nossos ouvidos, as nossas mãos, os nossos pés, o nosso sexo, toda a nossa personalidade. Combatamos idéias sem combater o homem errado, porque o errar é humano e o perdoar é divino.

Deixemos de ser desordeiros e valentões para sermos pacíficos trabalhadores do bem, tranquilos construtores da nossa própria felicidade. A paz espiritual não se improvisa. Construimo-la pouco a pouco, pois somente o amor de Deus tranquiliza, somente a Justiça gera a paz. Olhando para trás, para o nosso passado

triste, vemos, com espanto, a multidão dos nossos pecados e das nossas vítimas. São pecados e mais pecados, vítimas e mais vítimas que reclamam reparação e Justiça, através da expiação e da provação, do sofrimento que refifica, para que nossa consciência se tranquilize, sare e viva realmente em paz. Eliminemos, de uma vez para sempre, de nós mesmos o ruído, o barulho, o atrito, a violência, a tirania, os gritos, os murros, os ponta-pés, a revolta, a queixa, a reclamação, tornando-nos obedientes à Soberana vontade do Pai Criador e Governador Supremo, mansos e humildes de coração. Enquanto não conquistarmos a paz interior, não seremos perfeitos, não seremos felizes, nem poderemos fazer a felicidade de ninguém. O respeito, a confiança, a estima, a admiração, a simpatia, a amizade, a gratidão, o amor, resultam da compreensão mútua, da troca de idéias, da permuta de conhecimentos, do intercâmbio de experiências, da conversação amistosa, do entendimento, da reconciliação, da fidelidade, da noção de responsabilidade, da sinceridade de propósitos, das boas maneiras, da boa educação pessoal, da prece habitual, da leitura e audição do Evangelho e das obras espiritualizantes. A sabedoria verdadeira é prudência, previdência, solidariedade humana, espírito de colaboração, entendimento recíproco permanente, método, organização. O homem consegue sair de qualquer dificuldade com métodos pacíficos, pelo trabalho assíduo, pela confiança, pela perseverança, pelo exercício da fé e da prece com a colaboração espiritual superior. Pela violência complicamos mais ainda as situações.

VII. — A finalidade da vida é o progresso, a renovação permanente, o trabalho construtivo e edificante e não a destruição, o aniquilamento, a morte. O Supremo Governador do Mundo tem sempre um propósito bom para a vida, mas só a paz, que depende de nós, do nosso livre arbítrio, de nossa vontade, cria ambiente propício, o clima espiritual necessário para a concórdia, para a confraternização, para o auxílio mútuo, para a solidariedade humana, para a simpatia recíproca, para a permuta de valores e de bens espirituais e materiais, para a vida útil, proveitosa, amena, suave, bela, feliz, idealística, renovadora, salutar. Sem a paz interior, sem ambiente pacífico não pode haver saúde espiritual e do corpo físico,



nem alegria, nem satisfação, nem bom humor, nem otimismo, nem felicidade verdadeira. A paz é o estado espiritual necessário para a reflexão, a prudência, a previdência, a sabedoria, a ciência de bem viver. Não basta vivermos. Precisamos viver bem, termos vida regular, normal, organizada, estável.

VIII. — A paz não significa inação, inércia, inatividade, repouso permanente, morte, nada. Há muitos séculos o povo romano alimentava o seu grande ideal com um provérbio bem conhecido: «Res non verba», «Ação e não palavras». A própria natureza nos ensina, em silêncio, a lição permanente da renovação sem fim, através dos dias e das noites, das estações do ano, do curso ininterrupto das águas e do vento, da vida que não cessa.

O nosso Divino Mestre nos ensinou que cada um será julgado segundo as suas obras. Que obras? As que deveríamos fazer e não fizemos, as que deveríamos fazer com acerto e fizemos de modo errado, as que não deveríamos fazer e fizemos de modo ilícito, aumentando o nosso débito, o número de nossas vítimas, o número de nossos crimes. Como começar vida nova e retificar os nossos caminhos? Antes de tudo devemos ouvir o apêlo, o chamamento do Divino Mestre, concentrarmos a nossa atenção no presente, esquecer o passado delituoso, consagrarmos à Doutrina Salvadora a nossa vida, retificarmos a nossa conduta de acordo com o Código de Moral Divina, fugindo do crime e praticando as virtudes que o conhecimento do Cristianismo nos proporciona. Depois disto, devemos agir em silêncio, trabalhar em silêncio, falar pouco e agir muito, renovando, progredindo, criando, realizando o bem por toda parte. Esse é o caminho para o pecador arrependido, para o criminoso em regeneração moral, intelectual e espiritual. Iniciemos vida nova eliminando de nossos pensamentos, de nossas ações, de nossa linguagem, de nossos gestos, de nossa conduta e atitudes o barulho, o atrito, o ruído, o estouvamento, a brutalidade, a tirania, a violência que tanto nos perturbam além de aborrecer e infelicitar os nossos semelhantes, destruindo a nossa harmonia interior e a do nosso ambiente. Cultivemos, pois, o silêncio, a paz, a calma, a tranquilidade, a sinfonia dos sons e a beleza das formas como norma de conduta espiritual e ideal de perfeição. Aprenda-

mos a falar em vez de gritar, a conversar em vez de xingar, a esclarecer em vez de confundir, a pedir em vez de exigir, a trocar idéias em vez de impôr a nossa vontade tirânica, submetendo pelo terror os nossos companheiros de jornada evolutiva. Precisamos aprender e ensinar, servir e amar para que tenhamos o direito de sermos servidos e amados, pois na vida espiritual é preciso dar para receber, amar para ser amado, amparar para ser amparado, já que não há privilégio mas justo merecimento para todos. A idéia de paz é força viva, poder curador, energia calmante eletro-magnética que plasma a tranquilidade do espírito, funcionando ainda como sedativo para o sistema nervoso, enquanto a cólera irrita e destrói o cérebro, o cerebelo, o sistema nervoso, provocando doenças esquisitas que os mesmos doentes não compreendem nem os médicos e medicamentos da ciência dos homens podem eliminar. Para tais incômodos somente a fé, a prece, o amor, o espírito de colaboração espiritual podem funcionar como remédio, tendo por único médico o Divino Médico das almas. Destronemos, pois, a violência e entronizemos a paz do Senhor como lei da vida eterna, como norma de conduta salvadora, que felicita sem infelicitar, que ajuda sem prejudicar, que estrutura a vida feliz tanto na Terra como na erraticidade.

IX. — Cria, pois, com teus pensamentos, desejos, palavras, gestos e obras a beleza, a harmonia, a paz, a tranquilidade de espírito, a sinfonia dos sons, a serenidade, a perfeição, a obra prima que desejás ser e serás realmente um gênio do bem e do belo, o artífice de tua própria beleza, de tua saúde, de tua simpatia, de tua estima, de tua valorização pessoal e social, de tua própria felicidade. E quando te tornares verdadeiramente pacífico serás chamado filho do Altíssimo, possuirás a Terra e serás o modelo vivo para todos os habitantes do mundo, verdadeiro amigo de todos os homens, porque atingiste a perfeição. Esse é realmente o valor da paz, o justo preço de tua saúde, de tua liberdade, de tua felicidade, de tua salvação, da salvação de todos os homens, de todos os lares, de todas as famílias, de toda a humanidade terrena e dos habitantes da vida de além túmulo.

X. — A paz é o símbolo do Cristianismo de Jesus. O símbolo da paz é a



bandeira branca e iluminada do Divino Mestre. Hasteemos, pois, o lábaro do Senhor em nossos lares, em nossas instituições, em nossas atividades como nossa divisa, nossa bandeira. E o Senhor virá a nós, habitará conosco, fará em nós a sua morada e a paz nos encherá de gozo e o seu nome será glorificado através de suas próprias obras, na face da Terra renovada a serviço do bem. Que cada núcleo espiritual seja uma escola, um templo, uma oficina de trabalho e um hospital onde se cure e se pacifique os espíritos que

povoam o Brasil. Iniciemos essa obra de grande estilo, unindo fraternalmente todas as criaturas, instituindo o Instituto de Segurança Nacional que visa, pela reeducação cristã, a pacificação de todos os espíritos que povoam o Brasil, para que realmente êle seja a Pátria do Evangelho e o Coração do Mundo.

Que a paz de NOSSO SENHOR seja comigo e convosco, agora e para sempre, aqui e em toda parte. Assim seja.

*Olimpia, 17/7/1957.*

## Da Bíblia aos nossos dias

ALEIXO VICTOR MAGALDI

**A** finalidade dêste livro «é esclarecer, falar à razão dos homens emancipados intelectualmente, lançar um convite ao estudo e à pesquisa histórica para desfazer dúvidas e dogmas que já não têm mais razão de ser», segundo as expressões de Deolindo Amorim, o esclarecido prefaciador do mesmo. O livro é de autoria do experiente e culto escritor Mário Cavalcanti de Melo, uma invejável mentalidade da atual vanguarda, publicista do Espiritismo. O autor faz, logo na 1.<sup>a</sup> página seguinte à do título, esta dedicatória: «Ao querido mestre Dr. Carlos Imbassahy, o grande apóstolo do Espiritismo no Brasil, eu dedico êste livro». E, na imediata, diz: «Aos prezados confrades Pedro Granja, Deolindo Amorim, João Ghignone, Antonio Pereira Guedes, General Lamartine Peixoto Paes Leme, Coroneis Delfino Ferreira, Alfredo Molinaro e Rubens Rosado Teixeira, faróis que iluminam a estrada da Verdade na Terra de Santa Cruz e que tanto me encorajaram na feitura desta obra, o reconhecimento e as homenagens do autor».

Bastava ao autor o prestígio dêstes nomes para ver o seu livro vitorioso. Entretanto, Mário Cavalcanti, é um oficial graduado participante do luzidio Estado Maior Espiritista Brasileiro, que não necessita ficar sob a luz de nenhum deles, por inextinguível brilho que possuem, como realmente acontece. Porque êle emite luz própria, para tornar refulgente todas as páginas de «DA BÍBLIA AOS

NOSSOS DIAS» («Suas lendas, êrros e contradições»), como se evidencia pela leitura do livro, que é editado pela Federação Espírita do Paraná.

Acabamos de ler o volume que o autor nos ofertou, com gentil frase, datada de 20/5/57, de Niterói. Volume de 323 páginas, grande formato e letra meuda.

No capítulo I, Introdução, está escrito, à pagina 15: «O que, porém, nos causa admiração, é que homens de grande valor na atualidade desprezem a sua própria razão, em nome de uma fé cega, para darem guarida a heresias científicas do tamanho da gênese bíblica e, ainda, aceitam essas revelações sem ne- xo como se elas partissem verdadeiramente de Deus. E' para êsses que escrevemos êste livro».

O livro vem repleto de ensinamentos históricos, citações preciosas de variados autores sôbre religiões. Raramente encontra-se num volume tanta preciosidade. Serve não só para aqueles homens para os quais Mário Cavalcanti de Melo diz tê-lo escrito. Penso mesmo que serve mais para os homens que prezam muito a sua própria razão, conscios de sua fé raciocinada, desejosos de iluminação sempre crescente, como os orientadores espiritas. As citações, às vezes, são de estarecer, como esta: «A Espanha via sua população dizimada pelo nefasto tribunal (A Inquisição). Naquele país, continua o ilustre professor (Dr. Joaquim Pimenta, em sua magistral obra «A Questão Social e o Catolicismo»); fo-



ram queimados vivos, de 1481 a 1803, 34.658 pessoas (10.200 em 17 anos); queimados em efígie 18.049 e condenados às galés e à prisão 288.214». Ou como esta outra: «A despeito das defesas capciosas que apologistas católicos têm arranjado, visando irresponsabilizar a Igreja pelos crimes perpetrados por êsse terrível tribunal em nome de um Deus que se proclama infinitamente misericordioso, a História nos diz pela voz dos teólogos, pelas bulas pontificiais, pelos atos canônicos, que à Santa Sé cabe a autoria de um regime de crueldade como não há igual na crônica dos povos que se não banharam na água lustral do Cristianismo». (Fleury, História Eclesiástica, livro 23, n.º 54).

Ou ainda estas: «Vanini porque considerasse Deus não a causa, mas a substância do mundo; apesar dos argumentos com que procurava convencer os inquisidores de que não era ateu, foi horripelmente torturado e queimado vivo. Antes de acender-se a fogueira, conta Grammond em sua «História Gall. ab Henric IV», ordenou-se-lhe que estirasse a língua para ser cortada. Êle se recusou. O carrasco só o pôde conseguir com tenazes de que se serviu para prendê-la e cortá-la. Nunca se ouviu um grito tão horrível. O resto do seu corpo foi consumido pelo fogo e as cinzas lançadas ao vento». (A. Fonillet, Histoire de la Philosophie, pág. 278). «Giordano Bruno, o maior filósofo da Renascença, como o classifica o eminente Professor Harold Hoffding, foi condenado a morte por ter ensinado, além de outras coisas que desnorteavam a velha escolástica, a teoria da pluralidade dos mundos. Êle foi degredado, excomungado e entregue ao braço secular. O Governador de Roma, com a prece hipócrita e costumeira na qual prometia puni-lo com indulgência, sem derramamento de sangue, mereceu de Bruno a esta condenação um gesto de ameaça: «Vós que proferis contra mim esta sentença, tendes talvez mais medo do que eu, contra quem ela é pronunciada». Êle fazia, sem dúvida, alusão ao medo que tinham da verdade, porque êle afrontava o temor do sofrimento ao serviço desta mesma verdade!... Foi queimado vivo no dia 17 de fevereiro de 1600, no Campo de Fiora, tendo enfrentado a morte estôicamente. Repeliu um padre que queria estender-lhe um cruci-

fixo e expirou sem soltar um grito... Mas, no lugar em que foi queimado erigiu-se-lhe em 1889 uma estátua com o produto das subscrições de todo o mundo civilizado; e o Estado italiano tratou de confeccionar atualmente, à sua custa, uma edição de luxo de suas obras». (Histoire de la Philosophie Moderne, vol. I, pág. 129).

O autor, logo de início, na pág. 26 de DA BÍBLIA AOS NOSSOS DIAS, depois destas citações, declara: «A doutrina de Jesus, como rezam os Evangelhos e as Epístolas, é doutrina de liberdade. A afirmação dessa liberdade moral e a supremacia da consciência, é repetida em quasi todas as páginas do Novo Testamento. Foi por terem desconhecido êsse fato que os chefes da Igreja fizeram desorientar o Cristianismo e oprimiram as consciências. Como dizia Leôn Denis: *Impuseram a fé em vez de a solicitarem à vontade livre e esclarecida do homem e assim fizeram da história do Catolicismo o calvário da humanidade*».

Os chefes do Catolicismo romano, não raro, afirmam que a Igreja que produziu tantos «santos» não pode ser uma Igreja detestável; e nós temos respondido sempre que o Catolicismo romano nunca produziu Santos. O que aconteceu foi que os Santos, que vieram ao mundo, só puderam desempenhar as suas missões de verdadeiros Santos, naquela época, sob a condição de se encarnarem no seio de uma família católica e de viverem em harmonia com a Igreja Católica romana; porque fora dessa Igreja, ou contra essa Igreja, ninguém podia sobreviver. A Igreja tê-los-ia queimado vivos, como queimou milhares de outros Santos excomungados por ela, como fez com os já citados. E isso com ordem expressa dos Papas, como esta ordem ditada por Pio V (Imaginá que era «pio». Se fôsse ímpio, seria muito pior), em carta por êle enviada a Carlos IX, em 1659 (Otto Zoff, Os Huguenotes, pág. 130): «Persegui e abatei tudo que resta de vossos inimigos. Se não arrancardes as raízes do mal, elas rebentarão, como já o fizeram tantas vezes». «Êsse mesmo «Pio» V é quem mandou a Carlos IX infantaria e cavalaria do Vaticano, e dinheiro, para a guerra contra os Huguenotes. (Estudés de Critique et d'Histoire Religieuse, de E. Vacandard).

Todas essas barbaridades estão



apoiadas nos Cânones da Igreja Católica romana, que prescreveu, em letras de forma, sentenças assim: «Quando se massacra um ímpio, a graça de Cristo se espalha sôbre a Terra. Não julgamos que sejam homicidas aqueles que, arden-do de zêlo por sua mãe, a Igreja Católica, contra os excomungados, massacram alguns». (Corpus Juris' cancit. por A. Morin, L'Espirite de L'Eglise).

Contra essa Igreja diabólica gritam de além-túmulo: Pedro de Albano, autor de nova ciência; Cesco Dáscoli, proclamador da teoria do movimento da Terra; Giordano Bruno, frade astrônomo, descortinador de novos mundos e filósofo até hoje acatado; Antonio de Dominis e Campanella, expositores de uma teoria nova, semelhante à de Galileu; Copérnico, pioneiro da «Astronomia Nova»; Roger Bacon, célebre monge de Oxford, físico e astrônomo pesquisador; Francisco Bacon e Descartes, cientistas astrônomos; Fabri, sábio jesuita, aconselhador de novos rumos à Igreja quanto à interpretação das Escrituras, depois de provado o movimento da Terra em torno do Sol, ao contrário do que aquelas rezam; Galileu, o autor imortal de «Diálogos», onde o movimento da Terra e outras verdades aparecem cientificamente estabelecidos. Não só êstes; mas, milhares de outros cientistas, todos sacrificados, punidos de mil maneiras, mortos nos cárceres, de fome e de sede, de torturas infernais, enforcados, passados a espada, tiroteados, queimados vivos no centro de fogueiras, tal como nunca se mataram nem mesmo os cães. Por isso, estamos de pleno acôrdo com E. Gebbart em *Italie Mystique*, págs. 11 a 14, quando escreveu: «Se, com efeito, algu-

ma coisa de genial saiu do Catolicismo, foi certamente um sistema de tortura tão perfeito, tão requintado, que deixa perder de vista as legislações mais bárbaras e os costumes mais selvagens».

E é êsse catolicismo (com c minúsculo) que vem movendo guerra ao Espiritismo!... Que autoridade moral tem êle para tanto?!... E há espíritas que ainda prestam apôio ao catolicismo lendo e comentando o *Novo Testamento* traduzido à geito, deturpado e enxertado por ordem direta de um de seus papas, segundo a confissão pública e notória do chefe dos seus tradutores.

Há pregadores espíritas, o que é mais grave, que usam fazer da Bíblia caduca, a fonte de suas pregações doutrinárias. Para êstes é que Mario Cavalcanti de Melo elaborou DA BÍBLIA AOS NOSSOS DIAS, mais do que para «homens de grande valor na atualidade» que «desprezam a sua própria razão, em nome de uma fé cega, para darem guarida a heresias científicas do tamanho da gênese bíblica e ainda aceitam essas revelações sem nexos como se partissem verdadeiramente de Deus.»

Ora, meus amigos, vamos aprender com Mario Cavalcanti de Melo, a amar o Espiritismo, esclarecendo-nos a respeito dos êrros, das contradições e das lendas da Bíblia caduca. DA BÍBLIA AOS NOSSOS DIAS é um faról projetado na senda dêsse esclarecimento. Aproveitemos a sua luminosidade. Todos devemos lêr DA BÍBLIA AOS NOSSOS DIAS.

Rua 44 n.º 54 -- Volta Redonda -- RJ

Maio -- 1957

## Deus salve Allan Kardec!

LEOPOLDO  
MACHADO

**T**ransplantemos à prosa sintética o que já escrevemos em verso rimado sôbre «Allan Kardec», sôbre o «Livro dos Espíritos».

Foi há cem anos passados.

O mundo se agitava, cético e materializadíssimo. Não se levava a sério Deus, religião, fé!...

De pé, firme e consciente, nenhuma religião, nenhuma crença!

O catolicismo apresentava ambien-

te mais agitado. E já não era a única religião conhecida e professada no mundo ocidental. Fôra golpeada por um sacerdote -- Martinho Lutero -- que arrancou de suas garras a Bíblia e difundiu-a entre as pessoas mais esclarecidas. Foi êsse ato que gerou o protestantismo. Mas o protestantismo estava se ex-tratificando muito, a ponto de produzir mais de trezentas seitas, divisões, cismas, mais ou menos hostis entre elas...



Outro sacerdote, Inácio de Loiôla, salta em campo na defesa da Igreja. E crea a Companhia de Jesus, de que decorre a célebre Santa Inquisição. Era possível que pela fôrça, e a fôrça do «crê ou morre», se pudesse conseguir a paz, o entendimento, a justiça, entre crentes e incrêus...

Joseph de Maistre, também muito católico, escritor e crente, chega a profetizar que, «ou a Igreja se transformará, ou aparecerá outra religião...»

E apareceu, efetivamente, uma religião, sem Deus, materialista e filosófica — «O Positivismo». Religião que fôra uma espécie de remoque ao cristianismo, católico ou protestante, porque se apresentava o «amor por princípio, a ordem por base e o progresso por fim», coisas que, a bem da verdade, não se conheciam em religião nenhuma. E o filósofo autor do «Positivismo», Augusto Comte, chegara a dizer, humanissimo, que restava, em nome de sua religião, conduzir Deus até as fronteiras da civilização, agradecendo-lhe os serviços provisórios que prestara, até ali, á humanidade.

Foi isso em Paris, que era o cérebro agitadíssimo dessa admirável cabeça do mundo, a França.

Sai contra Augusto Comte outra celebridade bem maior do que o grande filósofo, que era o astrônomo, escritor e filósofo Camilo Flamarion. E Flamarion escreve um livro especial, «Deus na Natureza», refutando o materialista científico e provando que Deus existe, que o Espírito se manifesta em tudo, em toda a Natureza, desde as coisas mais pequeninas até os grandes astros no Céu.

Um terceiro nome vai aparecer. Também doutor, filósofo, pedagogo, educador e escritor: o dr. Hipólite Leon Denizard Rivail, que confirma, a um tempo, que o

Cristianismo católico-protestante se transformaria. E que essa transformação implicaria uma religião diferente, filósofo-científica, deista-espiritualista, apoiada na lógica dos fatos...

\* \* \*

De um mundo novo, o que teria, mais tarde, de transferir para cidades suas, o prestígio de Paris — hoje, visita-se mais Nova York e os Estados Unidos do que a França e cidades da Europa — da América e de Hydesville. chega a Paris e a França as notícias dos primeiros fenômenos das mesas «girantes» e «falantes». Paris se interessa pelos fenômenos, que lhe servem mais como distração e passatempo, do que como fatos de estudo e observação. E fala-se dos fenômenos ao dr. Hipólite Leon, que se escusa a ocupar-se dêles. Só o faria se lhe «provasse, primeiro, que pequena mesa tem cérebro e nervos para pensar e sentir como os seres vivos». Contudo, foi assistir a tais fenômenos, em que não descobriu nervos e cérebro, mas descobriu verdades incontestáveis, indiscutíveis, absolutas. E foi dentro do conceito que inspirou a Flamarion — o bom senso personificado — e foi com esse admirável bom senso que, colecionando respostas tiptológicas, sensatas e absolutamente verdadeiras, viera a saber já havia existido entre os «druídas», naquelas mesmas paragens francêsas — quando eram «gauleses» e «bretões» em vez de francêses — com o nome de Allan, que devia dedicar aos homens de hoje e de amanhã o maior presente de Deus á humanidade, «O Livro dos Espíritos».

Livro que fôra publicado a 18 de Abril de 1857!

Deus salve Allan Kardec!

## Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo» Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.º ano Cr.\$ 150,00	Do 20.º ano Cr.\$ 120,00	Do 27.º ano Cr.\$ 120,00
Do 4.º ano . . 150,00	Do 21.º ano . . 120,00	Do 28.º ano . 120,00
Do 5.º ano . . 150,00	Do 22.º ano . . 120,00	Do 29.º ano . 120,00
Do 6.º ano . . 150,00	Do 23.º ano . . 120,00	Do 30.º ano . 120,00
Do 7.º ano . . 150,00	Do 24.º ano . . 120,00	Do 31.º ano . 120,00
Do 18.º ano . . 150,00	Do 25.º ano . . 120,00	
Do 19.º ano . . 120,00	Do 26.º ano . . 120,00	



# Crônica Estrangeira

## Prova da Sobrevivência

«Spiritualisme Moderne» reproduziu de Revista Alemã.

J. Illing, bem conhecido por suas investigações sobre os fenômenos que provam a sobrevivência, relata o caso seguinte:

«Uma senhora que eu bem conheci, morreu a 22 de Março de 1926. Ela estava convencida da sobrevivência. Cerca de 10 minutos antes da morte, quando ainda de posse de todo seu conhecimento, o marido lhe pediu, por diversas vezes e com insistência, que ela lhe fornecesse, caso lhe fôsse possível, um sinal, de preferência pelo relógio. Ela respondeu: «Sim, eu o farei, se obtiver autorização».

No dia 6 de Abril seguinte, pelas 8 horas da tarde, o viúvo estava na sala com as duas filhas. Uma estava escrevendo uma carta quando, de súbito, ela se sentiu impelida a olhar o relógio. Fixando-o, ela viu o pêndulo descrever ainda algumas fracas oscilações e se imobilizar. Como tivessem dado corda ao relógio, pela manhã, não era claramente explicável a parada, mas o caso não continuou a preocupar os presentes, pois o relógio continuou a trabalhar normalmente depois de posto em movimento o pêndulo.

Durante as semanas seguintes, por diversas vezes, o relógio estacava inexplicavelmente e o mais surpreendente era que, depois de uma hora, ou ora e meia, o relógio recomeçava a trabalhar por si mesmo, sem a intervenção de mão humana. Nesse mesmo tempo, fenômeno semelhante afetou o relógio de bolso do viúvo. Ele se sentia impelido a tirar o relógio do bolso e, ao fazê-lo, ele parava para tornar a trabalhar, por si mesmo, no momento em que era guardado no bolso. Durante algumas semanas, ambos os relógios trabalharam normalmente.

Pouco depois, a mulher apareceu ao marido. Só eram visíveis o peito e a cabeça. A aparição foi precedida por estalidos e assobios que igualmente acompanhavam a forma materializada. O homem estava tão assustado que não foi capaz de articular uma palavra. Algumas semanas decorridas, de novo se mostrou a aparição, dessa vez não vinha acompanhada de

qualquer ruído. O homem teve força para lhe perguntar como ela estava passando. «Eu estou muito bem, disse ela, mas tudo é bem diferente das representações que o homem se faz». Ele lhe perguntou se igualmente queria mostrar-se às filhas, ela respondeu: «Elas ainda não estão bastante adiantadas». Em seguida, desapareceu.



## Reincarnação, Doutrina provada

Com o título de «Gênio Mirim», publicou a revista «Alterosa», de Belo Horizonte, Estado de Minas, 1.<sup>a</sup> quinzena de junho de 1957, a seguinte notícia:

«O concorrente já havia atingido o limite de dólares (sessenta e quatro mil) no programa «The \$64,00 Question» e agora enfrentava a nova etapa de perguntas e respostas capaz de elevar seus lucros a 128 000 dólares e, eventualmente, a . . . 256.000 (cêrca de 17 milhões de cruzeiros). Estava diante das câmaras, sob a intensa luz dos refletores, à espera de que o animador Hal March lhe fizesse as três perguntas sobre «Ciência», às quais deveria responder naquela semana.

Consultando a ficha, Hal March perguntou:

— Como é produzida a eletricidade pelo método Thermionic-Emission? E pelo método Piezo-Eletric?

— Pela distorção de um cristal no método Piezo e pelo aquecimento de um catódio num tubo de vácuo no método Thermionic.

— Absolutamente certo, exclamou o animador. Cite, agora, dez elementos químicos encontrados no corpo humano.

— Carbono, hidrogênio, iôdo, ferro, magnésio, azôto, oxigênio, fósforo, potássio e sódio, respondeu, sem hesitar, o interrogado.

— Asolutamente certo. Diga-me agora, que ponto do céu estaria você fixando no dia 19 de março, à hora local de vinte e duas horas e oito minutos e ao tempo sideral de dez horas se estivesse olhando através de um telescópio montado equatorialmente, com o seu ângulo



horário fixado para duas horas de lestes e sua declinação em zero graus?

— Eu estaria fixando a constelação da Virgem, ou o Equinócio de Outono.

— Absolutamente certo, confirmou, exultante, Hal March.

Cinquenta milhões de norte americanos respiraram desafogados mais uma vez com a vitória do excepcional concorrente, que respondera, sem hesitação, a perguntas que noventa e nove por cento dos telespectadores nem sequer chegaram a entender direito.

Tratava-se de um professor de Física da Universidade? De algum cientista famoso?

Não, o candidato era apenas o garoto Bobby Strom, de 10 anos de idade, residente no bairro popular do Bronx, em Nova York, e cujos conhecimentos têm assombrado o mundo inteiro.

Pensam que êle parou aí? Não. Chegou aos 192.000 dólares e poderia, se quizesse, aumentar ainda o seu prêmio e ganhar um total de 256.000 dólares. E, na verdade, Bobby quis. Seus pais, porém, o impediram de continuar porque êles, os pais, estavam nervosíssimos.»



## «Seus Filhos estão Mortos»

De «Estudos Psíquicos».

*Two Worlds* relata o caso em termos sucintos. A médium Estelle Robert disse a uma senhora que um filho desta estava morto, quando a mãe o julgava prisioneiro. Até que chegou a confirmação oficial do falecimento.

A história começa nos dias sombrios de Dunquerque. Os seus dois filhos Tony e Ronald foram dados como desaparecidos.

A princípio, a mãe não acreditou na morte dêles. Recebia notícias por intermédio de dois soldados que davam o Tony como prisioneiro. O mais velho estava morto, mas ela aferrava-se à esperança de rever o outro.

Foi neste estado de espírito que assistiu a uma sessão de Estelle Robert e na qual deu um nome suposto que não fornecesse qualquer elemento contrário à identificação do fenômeno.

Estava sentada em frente da médium, quando esta lhe disse, abruptamente:

— A senhora veio por causa dos seus dois filhos, que estão ao pé de mim.

A pobre mãe respondeu:

E' só um, que o outro está prisioneiro.

Estelle sacudiu a cabeça e disse que estavam ambos ali. E acrescentou:

— O mais novo afirma que foi morto um dia antes do irmão. Eles falam ao mesmo tempo, tantas coisas lhe querem dizer!

A pobre mãe não quis ouvir mais nada e voltou a casa deprimida e furiosa de perder o tempo.

Mêses depois chegou a notícia oficial: Tony fôra morto no dia antecedente ao da morte de Ronald.

Êste caso demonstra que a hipótese telepática é inaplicável ao presente caso, visto que a médium está em contradição com a testemunha.



## A Snra. Frances narra em «Light» o pequeno fato seguinte:

Seu marido viera do Oriente com um cofrezinho de segredo, no qual guardou documentos importantes. Ê se cofrezinho era dotado de uma fechadura que se abria fazendo girar um disco (roda) adaptada a um quadrante marcado com números. A Snra. Frances não conhecia os números escolhidos por seu marido, o que constituia o segredo do cofre.

Ora, o marido veio a falecer.

A Snra. Frances sabia que certos documentos necessários à liquidação de negócios de seu marido, estavam encerrados no cofrezinho. Durante três mêses seu filho procurou descobrir todas as combinações, mas em vão, o cofrezinho não se abria.

Então a Snra. Frances teve a idéia de experimentar ela mesma, e eis o que ela diz:

«De súbito senti que eu não estava só. Rápido, sem poder resistir, senti que meus dedos deslizavam sobre o disco numerado e a lingueta da fechadura mover... Minha mão parecia conhecer o segredo... não o meu espírito. Quando eu fazia girar o disco, eu ouvia meus lábios murmurar: um, oito, seis, nove».

«Um, oito, seis, nove...» repeti eu,



levantei a mão e o côfre se abriu. Eu olhei, incapaz de acreditar. Mas o impossível se produziu. O segredo, por meu falecido marido, levado ao túmulo, me foi revelado do além da morte.

De «*Spiritualisme Moderne*».



## Pode modificar-se o destino ?

De «*Estudos Psíquicos*».

Num artigo publicado em *Survie*, George Gonzalès conta o caso de um advogado, a quem três médiuns diferentes predisseram a morte por acidente de auto-

móvel. Não satisfeito, procurou outro médium, que, após rápida concentração, o avisou que reduzisse a velocidade habitual. Além disso, indicou-lhe uma falha no automóvel.

Em viagem subsequente, o advogado pôde verificar a verdade da predição. Felizmente, conseguiu evitar as consequências que o aguardavam.

George Gonzalès refere-se à modificação que podemos operar em nosso destino. A este respeito, o Dr. Moreno da Fonseca realizou no Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, uma bela conferência, onde chegava às mesmas conclusões, sem abandonar o campo psicológico. Bastava cultivar com mais afinco um ou outro sentimento.

# ESPIRITISMO NO BRASIL

## Campanha Pró-Máquina de «O Clarim»

Donativos ofertados até a presente data: Cr. \$ 280.407,00.

Deixamos de publicar a relação nominal dos contribuintes para esta tão oportuna e útil campanha, porque já o estamos fazendo em «O Clarim».

Agradecemos a todos o valioso concurso nesta tarefa comum de trabalhar pela difusão da Doutrina, almejando-lhes paz e saúde.

## Modelar Asilo Espírita do Rio de Janeiro

Sob o título de «Correio Feminino» e os sub-títulos de «O menor abandonado e a solução acertada do «Abrigo Olímpia Belém» — Colocação familiar ou a própria família — Asilos tipo quartel, nunca», publicou o jornal «Correio da Manhã», do Rio de Janeiro, edição de 14 de Julho último, a seguinte reportagem de Terezinha Éboli, que reproduzimos aqui:

«A palavra «asilo» traz em si uma inevitável tristeza. Quando, de surpresa, visitamos uma casa de proteção à infância, saímos com uma angústia, um re-

morso de quem nunca faz nada para ajudar. Crianças sem lar, sem família, sem a alegria dos dias felizes na companhia dos pais... É um problema grande do nosso país. E poucas instituições estão resolvendo-o pela melhor solução.

Num casarão da Rua Felix da Cunha, na Tijuca, fomos ver quarenta e cinco meninas que vivem com D. Olímpia Belém. Sua casa não é um asilo. Nella vive a «Mãe Olímpia» com suas quarenta e cinco meninas. Algumas ali chegaram com poucos meses de idade. A história do «Abrigo Olímpia Belém» data de há vinte anos, em Belo Horizonte, quando a infância abandonada começava a preocupar algumas pessoas de responsabilidade. D. Olímpia ensinou, bem cedo, às filhas, a bondade e o desapêgo às coisas materiais, em benefício das criancinhas sem lar. Este foi o segredo dela haver conservado até hoje consigo, filhos dedicados, trabalhando para o mesmo objetivo. Bem raro o caso de sua família: a mãe, já idosa, enérgica e segura de seus propósitos, duas filhas que a assistem de perto e os filhos casados que continuam a colaborar sempre que se faz necessário.

### A Visita

Entramos no refeitório e o sinal havia dado para o almoço. As meninas,



sentadas em mesas redondas, alegres, com ótimo aspecto, almoçavam. As pequeninas de dois anos comiam sôzinhas, sem problemas, sem choramingar, sem nariz torcido. Nos pratos haviam: caldo de feijão, angu, legume, arroz e carne. Admirável bando de meninas despreocupadas! Com que prazer muita mamãe assistiria àquele almoço se fôsse de suas próprias filhas!

D. Olga Mendonça, colaboradora dedicada, dirige a casa das meninas em seus afazeres. Disse-nos ela que todas comem de tudo, e muito bem, não faltando nunca alimento para elas. Assim mesmo como se fôsse nossa casa. Todas dormem bem em seu grande dormitório de janelas amplas. Brincam com liberdade; não há pancadaria, não há castigos corporais, nem medos. À noite alguém as acompanha sempre, para qualquer eventualidade.

Percorremos a casa toda e a simplicidade é grande. Não há ostentação para as visitas. Mostram-nos o que realmente se faz todos os dias. É muito mais desejaria fazer, diz-nos D. Olímpia.

### Do Padre-Nosso ao Jardim-de Infância

«Padre-Nosso», às seis horas da manhã; higiene e leite com pão. Em seguida as que assistem aula encaminham-se para sua saletinha onde uma professora leciona-as. Outras aprendem trabalhos manuais com D. Olímpia. Algumas pequeninas brincam.

— Faz-nos falta um jardim-de-infância, mas até hoje não pudemos contar com alguém que colaborasse conosco nesse sentido...

O «Abrigo Olímpia Belém», apesar de não contar com brinquedos (sr. Negão de Lima, por que não dá umas gangorras àquelas menininhas?) mantém sempre um clima de muita serenidade e alegria. As crianças fazem roda no pátio, ajudam na cozinha, na sala, na limpeza da casa, e vão vivendo normalmente, como num lar muito grande, onde a mamãe tem muitos filhos e procura atendê-los a todos igualmente. Chamam-na de «mãe Olímpia» e o que realmente elas encontram em seu coração é a bondade que só as verdadeiras mães sabem ter.

### Algumas Histórias

D. Olímpia mantém o Abrigo com dificuldade, pois pouco tem aumentado o quadro de sócios que a ajuda. Como D. Olímpia consegue, com o custo de vida tão alto, manter bem alimentadas e agasalhadas aquêlo bando de meninas, é um milagre. Os colaboradores que com ela não deixam extinguir-se a obra, merecem a nossa admiração. Numa época mercenária, um dentista, um médico trabalhando sem interêsse financeiro? E os treze filhos de D. Olímpia que, sem mágoa, mas com alegria, viram na dividir com tantas outras criancinhas, o seu amor materno!

— Em vinte anos nunca tivemos caso de moléstias graves, conta-nos D. Olímpia. Uma vez fui buscar uma menina de oito meses na Policia. A mãe fôra detida e o delegado pediu-me para ficar com a criança. Está aqui até hoje.

Mostra-nos uma menina dos seus dez anos, forte, saudável.

— Outra saiu do Abrigo com vinte anos para casar. Era pianista; estudou durante todo o tempo que viveu aqui. Agora tem sua familia organizada, no interior, como esposa de fazendeiro.

Admiramo-nos. Então ficam aqui até moças?

— As mães cuidam das filhas até que elas estejam aptas a seguir sôzinhas...

### Recuperação

As meninas são recuperadas no ambiente do lar e quando estão mocinhas estudam em ginásio, aprendem piano, fazem pequena vida social e algumas mais maduras empregam-se para ajudar. Há uma atualmente, que trabalha na fábrica Kibon e está noiva. D. Olímpia, como boa mãe, preocupa-se com a adolescência destas meninas. Procura dar-lhes ensinamentos de moral cristã e mostra-lhes o caminho mais apropriado para que levem uma vida ajustada e decente.

— O grupo é pequeno, disse nos. Já tivemos mais de 100 meninas. Mas, com as dificuldades materiais temos que nos limitar e receber poucas...

### O Caminho à Frente

É êsse o tipo de abrigo-lar que necessita a infância abandonada. Nem asi-



lo, tipo depósito, onde não há o carinho materno, nem escolas de recuperação correccional, onde a frieza humana agrava o problema do menor. Exatamente uma protetora que não deixe nunca faltar o carinho às suas crianças e que tenha, como D. Olímpia Belém, como certa, a sua missão de socorrê-las e orientá-las até que as sinta seguras para seguir seu próprio caminho.

## Impressões de um Congresso Esperantista

Dia 14 a 21 de Julho último realizou-se em Niterói, com muito êxito o XV Congresso Brasileiro de Esperanto, em comemoração ao 50.º aniversário de fundação da Liga Brasileira de Esperanto. Ao conclave de confraternização e trabalho ocorreram esperantistas e simpatizantes de vários recantos do Brasil, especialmente dos Estados de S. Paulo, Minas, Rio de Janeiro, Bahia, e do Distrito Federal, além de 3 Representantes da Argentina.

Do programa organizado destacou-se a abertura e encerramento no Teatro Municipal de Niterói, as reuniões de trabalho (sobre o histórico do movimento no Brasil), a inauguração da Rua Esperanto, a Noite de Arte (peça «As Mãos de Eurídice» e números de canto em Esperanto), visita a Liga Brasileira, e excursões a Volta Redonda (centro siderúrgico), Cabo Frio (praia e salinas) e Petrópolis (cidade histórica).

O ambiente em que se desenvolveu as actividades do Congresso foi de franca camaradagem e compreensão muito emboira os participantes, mais de 500 pessoas, proviessem de diversas camadas sociais e professassem credos diferentes. Praticou-se lá o sonho de Zamenhof cantado no hino esperantista «La Espero»: — «sur neutrala lingva fundamento... la popoloj faros... unu grandan rondon familon» (sob o fundamento de uma lingua neutra, os povos farão uma família grande e unida).

Digno de nota, foi a presença de um grande número de espiritas, o que bem demonstra o interêsse destes pela causa esperantista, para a solução do grave problema das barreiras linguísticas e da fraternidade entre os povos.

Várias publicações apareceram para comemorar o Congresso de jubileu de ouro da Liga Brasileira, entre elas, o número especial de «Kooperativismo», órgão da Cooperativa dos Esperantistas, que prestou uma significativa homenagem ao confrade Ismael Gomes Braga, no seu 50.º aniversário de actividades no meio esperantista nacional e mundial, como professor, escritor e propagandista exemplar.

A Prefeitura de Niterói e o Governo Fluminense deram valioso apóio à Comissão Organizadora do Congresso, presidido com eficiência pelo sr. Mario Ritter Nunes, o qual por sua vez contou com a colaboração da veterana Liga Brasileira de Esperanto, dirigida ativamente pelo Prof. Carlos Domingues.

Muitos esperantistas veteranos participaram das reuniões, por exemplo o sr. A. Caetano Coutinho, redator do «Brazilia Esperantisto» órgão oficial da Liga e batalhador desde o fim do século passado, sendo também o mais antigo propagandista em actividade, no país.

Em conclusão, o XV Congresso Nacional foi comemorado brilhantemente e serviu para mostrar a todos que há aqui uma grande família esperantista desejosa de um dia ver a humanidade mais unida e compreensiva através de um idioma neutro realmente internacional.

Oxalá, a próxima reunião, provavelmente em Salvador, dentro de 2 ou 3 anos sirva ainda mais para reunir os esperantistas e simpatizantes dêste sadio movimento em torno da Liga e da Associação Universal do Esperanto, com programas de trabalho, de cultura e de recreação.

## «Espiritismo e Criminologia»

Deolindo Amorim, sem a menor dúvida um dos mais apreciados escritores espiritas, acaba de lançar à lume mais uma obra de real valor — «Espiritismo e Criminologia», com a qual enriquece ainda mais a vastíssima bibliotéca espirita, presentemente a maior em número e qualidade de que temos conhecimento.

Com aquela facilidade de explanar o assunto, de explicar as coisas, que lhe é tão peculiar, Deolindo Amorim apresentou uma obra profunda, de atualida-



de, visto como muitos estudiosos do Espiritismo ainda não tinham uma idéia clara, exata do Espiritismo em face da criminologia. Com os esclarecimentos minuciosos de Deolindo Amorim, os estudiosos alargam de modo notável os seus conhecimentos. Não é obra de ficção, é obra de edificação, baseada na realidade, nos fatos, portanto mais que oportuna.

«Espiritismo e Criminologia» contém 164 páginas que valem um verdadeiro tesouro espiritual.

Gratos pela oferta de um volume.

## Conselho Federativo Nacional

*Orgão da Federação Espírita Brasileira*

Súmula da Ata da Reunião Ordinária realizada em 6 de Julho de 1957

Às catorze horas, profere o Presidente a prece de início e declara aberta a reunião.

Lida e aprovada a Ata da reunião de 1 de Junho, comunica o Presidente que continua a receber, de todo o Brasil, notícias muito gratas sobre as solenidades comemorativas do I Centenário da Codificação do Espiritismo, notadamente de S. Paulo, Rio Grande do Sul

e Ceará. Exibe um exemplar da revista norte-americana «STAMPS», com referências ao SÊLO ESPÍRITA. Comunica a inauguração de uma herma do saudoso confrade Telmo Maia, no dia 10 do corrente, em uma Praça de Campo Grande, designando uma comissão de Conselheiros para representar a FEB e o Conselho, na solenidade.

*Rio de Janeiro* — O Conselheiro Major Luiz Gentil anuncia a realização, em Macaé, da 18.<sup>a</sup> Semana Espírita.

*Distrito Federal* — O Conselheiro Aurino Souto comunica que, por lei municipal, foi declarada de Utilidade Pública Municipal, a LIGA ESPÍRITA DO DISTRITO FEDERAL.

*Maranhão* — O Conselheiro Major Jaime Rolemberg discorre sobre o brilhantismo e a harmonia das comemorações do I Centenário do Espiritismo, em S. Luiz e em todo Estado.

*Rio Grande do Sul* — O Conselheiro Francisco Thiesen oferece um exemplar da revista «REENCARNACÃO», órgão da Federação Gaúcha, comemorativo do I Centenário, primorosamente impressa e com dados históricos da Federação e do Espiritismo naquele Estado.

Às dezesseis horas, feita a prece final pelo Representante do Rio Grande do Norte, encerra o Presidente a reunião.

# Necrologia

Francisco Waldomiro Lorenz

Regressou à Pátria Espiritual no dia 24 de Maio último, em Porto Alegre, o confrade Francisco Waldomiro Lorenz, escritor espírita dos mais apreciados, poliglota e esperantista de projeção. Escreveu inúmeras obras espiritualistas, enriquecendo de maneira notável a Biblioteca Espírita.

Foi um trabalhador assíduo na seara do Mestre. Bom de coração, amigo de praticar a caridade, deixou um vácuo no coração daqueles que com êle tiveram a felicidade de travar relações de amizade.

Com o seu passamento abriu-se um claro bem visível na fileira espírita.

Que Deus o tenha no seu reino.

*Se amas a Deus, já não sentes angústia ante a passagem da vida para a morte, porque com Êle estás e Êle permanece incólume através de todas as mudanças.*



## **Espiritismo e Protestantismo**

Acaba de sair do prélo e já se acha à venda, esta oportuna obra, já em 4.<sup>a</sup> edição.

Contém ela 135 páginas e encerra uma polêmica em pról da verdade,—luta nobilitante travada entre o nosso companheiro Cairbar Schutel e o ilustre Professor Faustino Ribeiro, em o ano de 1908, pelas colunas de «O Alfa», de Rio Claro, valente campeão em favor do bem e da justiça.

Preço, cr.\$23,00, inclusive porte e registro.

## **“Gênesis da Alma”**

Comunicamos aos nossos prezados leitores, que acaba de sair do prélo e já se acha à venda na Livraria «O Clarim», a 7.<sup>a</sup> edição de «Gênesis da Alma», da autoria do nosso companheiro Cairbar Schutel.

E' uma obra indispensável aos estudiosos dos assuntos anímicos e espíritas, pois trata da evolução da alma através das camadas inferiores da natureza até chegar a escala animal, hominal e ir para a frente até a escala dos sêres superiores.

E' um trabalho sintético e bem esclarecedor do assunto, ao alcance de todas as inteligências.

A' venda na Livraria «O Clarim».

Preço Cr. \$ 20,00, e mais 3 cruzeiros para o porte e registro.



# Um Verdadeiro Tesouro

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo? Então leia «UMA GRANDE VIDA».

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seára espírita, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão: fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando também um lugar de destaque na vanguarda do véro cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr.\$ 45,00 e mais três cruzeiros para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

## Médiuns e Mediunidades

Avisamos aos interessados, que já sahiu do prélo e está à venda, nova edição deste oportuno trabalho de Cairbar Schutel, que trata do desenvolvimento da mediunidade em todas as suas modalidades. E' um trabalho sintético e bem claro, os seus ensinios são de fácil compreensão, sendo indispensável aos estudiosos do psiquismo, principalmente aos médiuns e aos que desejam fazer trabalhos experimentais.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr\$.20,00 e mais 3 cruzeiros para o porte e registro.







# Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

*Diretor: José da Costa Filho*

*Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração  
**MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL**

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua *Crônica Estrangeira*, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

## PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	—	Assinatura simples	Cr.\$ 90,00
Semestre	—	„ „	50,00
Ano	—	Assinatura registrada	120,00
Semestre	—	„ „	65,00

**NUMERO AVULSO CR. \$ 8,50**

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente  
**A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira**

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: Rio de Janeiro

